DOI https://doi.org/10.61895/pl.v19i36.23633

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PROFISSIONAIS DE HISTÓRIA (2020–2025): UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Itamar Freitas
Professor do CESAD/DED/UFS. Doutor em Educação e em História.
E-mail: itamarfreitasufs@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão sistemática da produção acadêmica sobre Inteligência Artificial (IA) em revistas brasileiras de História entre 2020 e 2025. A partir da análise de 20 textos em 27 de 203 periódicos disponíveis na Internet, examinam-se os problemas de pesquisa, os sentimentos expressos e as lacunas conceituais. Predominam avaliações positivas da IA, aliadas a usos didáticos e reflexões críticas. Destacam-se, contudo, carências como a escassez de trabalhos empíricos, a indefinição conceitual e a ausência de uma abordagem integrada do impacto da IA nas atividades de pesquisa e comunicação histórica. Propõe-se, por fim, uma agenda de investigação mais ampla e sistemática sobre o tema.

Palavras-chave: História; Inteligência Artificial; Revisão sistemática.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND THE HISTORICAL PROFESSION (2020–2025): A SYSTEMATIC REVIEW

Abstract

This article presents a systematic review of academic production on Artificial Intelligence (AI) published in Brazilian history journals between 2020 and 2025. Based on the analysis of 20 texts found in 27 out of 203 journals available online, it examines the main research problems, expressed sentiments, and conceptual gaps. The results reveal a predominance of positive assessments of AI, often linked to didactic applications and critical reflections. Nevertheless, significant shortcomings persist, such as the scarcity of empirical studies, conceptual vagueness, and the lack of an integrated perspective on the impact of AI on historical research and communication. The article concludes by proposing a broader and more systematic research agenda on the subject.

Keywords: History; Artificial Intelligence; Systematic review.

Introdução

Inteligência artificial (IA) é um sistema baseado em máquina que pode "fazer previsões, recomendações ou decisões que influenciam ambientes reais ou virtuais" (Shiorira; Holmes, 2023, p.138), ou ainda, a "combinação de *software* e *hardware* capaz de executar tarefas que, (em geral) exigiriam a inteligência humana" (Lee; Quifan, 2022, p.7). No último quinquênio, no Brasil, a inteligência artificial (IA) passou a ocupar lugar de destaque em múltiplos campos do saber, provocando reflexões publicadas sobre produção de conhecimento, as rotinas profissionais e os modos de vida. A explosão de interesse sobre IA, contudo, ocorreu após a massiva divulgação na mídia das IAs do tipo generativa, capazes de gerar uma nova frase a partir de "continuações plausíveis" sempre que solicitadas. Em outros termos, uma IA generativa imita os humanos em linguagem escrita. Ela recupera padrões semânticos e sintáticos, prevê e complementa sequências de textos (Giansiracusa, 2021, p.24), oferecendo respostas coesas, coerentes e reguladas na norma culta, com precisão espantosa.

Nos domínios da História e no âmbito de seus veículos clássicos de reprodução das regras do campo (diferentemente do que ocorre nas redes sociais), esse movimento tem sido acompanhado de modo crescente por parte de pesquisadores que buscam compreender, avaliar e experimentar os usos da IA na pesquisa, na escrita, no ensino de História e nos demais serviços providos por essas tarefas clássicas do trabalho profissional em História. Isso é o que revelam incursões exploratórias por sites institucionais que representam historiadores. No primeiro trimestre de 2023, no canal do YouTube da Associação Nacional de História (Anpuh), foi publicada entrevista dedicada ao "ChatGPT e os impactos na historiografia" (Freitas, 2023). Cinco meses depois, o mais antigo periódico da instituição – *Revista Brasileira de História* – publicou um editorial discutindo o assunto, intitulado "Apontamentos sobre o uso de AI na produção e na comunicação de pesquisas" (Menezes, 2023). Recentemente, em julho de 2025, o Fórum de editores de periódicos da área de História da ANPUH-BRASIL divulgou uma "Proposta de diretrizes para uso de IAs em periódicos de história" (Menezes et al., 2025). Nas três iniciativas, as questões eram convergentes: qual o impacto da IA (sobretudo a generativa) no trabalho do profissional de História? Quais processos relativos à pesquisa, à escrita, à divulgação em periódicos e ao ensino de História deveriam sofrer as primeiras regulações?

Essas iniciativas ocorreram em paralelo às manifestações de entidades similares, por exemplo, nos Estados Unidos da América e na Grã-Bretanha. A *American Historical Review* discutiu o

assunto (entre outros meses) em fevereiro (Grigoli, 2023) e em setembro de 2023 (Jones, 2023). Em janeiro de 2024, reuniu oito historiadores e manifestou suas posições em podcast (Trowbridge, 2025). Em maio e julho do mesmo ano, a Royal Historical Society fez o mesmo, repetindo a ação em julho de 2025 (Clayton, Altink; Wilson, 2023). Nessas duas instituições, os problemas envolveram equilibradamente a pesquisa e a escrita, como os auxílios da IA na organização de fontes, interpretação e constituição da autoridade, e as práticas de ensino e de escrita da história da IA, a exemplo de interferências na autonomia e criatividade do aluno, problemas éticos do plágio, entre outros.

Sob entusiasmo, inquietações e silêncios estratégicos, a escrita e a fala desses historiadores possibilitaram a identificação de uma pluralidade de abordagens, variando em epistemologia, domínios disciplinares envolvidos e regimes de sentimento em relação aos novos modelos de linguagem. Comportamento de cautela e valorização de princípios éticos foram expressões bastante citadas nestes trabalhos. Considerando que a emergência da IA generativa é um fenômeno raro em História, já que impacta o trabalho dos profissionais de história simultaneamente e em todos os países do globo, a demanda por informações sobre o fenômeno no Brasil nos estimulou a identificar de modo mais amplo e sistemático as iniciativas de discussão em revistas brasileiras de História que são um dos meios de difusão de regras e de validação de trabalhos e carreiras na área. Elas nos fornecem informações preciosas sobre o nível de interesse e o grau de sofisticação dos nacionais ao abordarem o problema. Assim, a pergunta central deste estudo ganhou a seguinte formulação: Quais problemas de pesquisa orientam os autores que se ocupam dos usos da Inteligência Artificial no trabalho do profissional de História e que publicaram seus textos em revistas brasileiras de História, no período 2020–2025?

1. Teoria e método

Enquadramos este texto na rubrica de artigo de revisão sistemática (Petcrew, 2006), pois o nosso objetivo é inventariar, categorizar e analisar problemas de pesquisa anunciados por autores que empregam a categoria Inteligência Artificial (IA) como núcleo ou ampliador de seus objetos de pesquisa e que publicam seus textos em revistas brasileiras de História. Especificamente,

buscamos conhecer os sentimentos, como também os desafios enfrentados pelos profissionais de História ao abordarem o fenômeno.

As fontes que empregamos são os artigos de revistas brasileiras tipificadas como de História, publicados nos últimos cinco anos, selecionados a partir dos seguintes descritores: "inteligência", "inteligência artificial", "IA" e "AI" e demais termos dos respetivos campos semânticos: "Big data", "algoritmos inteligentes", "computação cognitiva", "Processamento de Linguagem Natural – PLN", "ChatGPT", "GPT-4", "GPT-3", "Machine Learning – LM", "redes neurais artificiais", "robótica inteligente", "Transformers", "Large Language Models – LLM", "aprendizado de máquina", "sistemas inteligentes", "Generative AI", "Midjourney". [1]

O universo da amostra consiste em aproximadamente 30 mil títulos e resumos de artigos de periódicos da área de História publicados entre janeiro de 2020 e julho de 2024, em revistas cujo foco/escopo ou entidade de custódia são as autodesignações "de história", "histórica(o)" ou "história de" (Oliveira et. al., 2022). A amostra inicial foi composta por 65 textos publicados em 27 de um total de 202 títulos de História produzidos por brasileiros, no Brasil, e disponíveis na Internet, consultados entre 17 e 21 de julho de 2025.[2] Dessa seleção inicial, descartamos os artigos que não envolviam a relação História/Inteligência Artificial,[3] resultando em uma amostra de 20 textos que foram submetidos à leitura integral: 14 artigos, três resenhas, dois editoriais e uma entrevista, publicados em 13 revistas. Os dados foram estruturados em planilhas do software *Access*, em campos que coletaram autor, título, referências completas, domínios acadêmicos sugeridos, ano de publicação, título do periódico, gênero textual e polaridades (sentimento positivo, negativo, neutro e ambivalente).

Na interpretação dos dados, empregamos procedimentos básicos de discriminação da metodologia – universo, amostra, descritores e foco nos problemas –, caros à análise de conteúdo em Ciências Sociais (Krippendorff, 2013) e estratégias – análise dirigida a aspectos – e categorias – orientação sentimental positiva, negativa ou neutra – típicas da análise de sentimentos aplicada à Ciência da Computação (LIU, 2015).

[1] Não encontramos ocorrências dos descritores "Deepseek", "Bard", "Gemini", "DALL·E", "Deep Learning", "raciocínio automatizado" e "agentes autônomos".
[2] É importante registrar que dois trabalhos de brasileiros foram publicados sobre questões que envolvem IA e História, mas que não foram divulgados em revistas produzidas no Brasil (Lopes, 2023; Bonaldo; Pereira, 2023).
[3] Artigos com foco na relação entre Inteligência Artificial e Ciências da Informação, Ciências da Saúde, Direito, Filosofia, Inteligência Artificial, Matemática, Pedagogia e Relações Internacionais.

2. História e IA: os sentimentos do quinquênio

Neste tópico, analisamos os sentimentos dos autores manifestados na abordagem relacional entre IA e atividades do profissional de História. Antes, contudo, é necessário destacar quais problemas de investigação foram propostos nos textos analisados (excetuadas as resenhas). Esses problemas podem ser agrupados em três grandes classes. (a) Problemas instrumentais/técnicos, que somam 8 casos, voltam-se ao uso de ferramentas digitais para a pesquisa histórica, como: como usar big data na pesquisa histórica (GIL, 2024); como usar IA na mineração de dados e no processamento de linguagem natural (Rota; Detoni, 2024); como usar PLN e algoritmos de vetorização de palavras na análise semântica de conceitos em teses e dissertações (Bonaldo, 2024); como usar IA no gerenciamento de uma revista acadêmica de História (Oliveira et al., 2023a); ou como empregar o GPT para produzir instrumentos de avaliação no ensino de História (Macedo, 2025). (b) Problemas críticos/reflexivos, em número de 6, problematizam as dimensões ético-políticas, epistemológicas e culturais da IA. São exemplos: como usar a IA para desconstruir relações de poder que sustentam a própria IA (Moreschi; Jurno; Beiguelman, 2022); se a IA pode produzir algo novo, se pode ser humanizada ou apenas repetir padrões matemáticos (Bonaldo, 2023); quais as consequências da IA na formação de um imaginário popular de otimismo sobre o futuro (Tedesco; Costa, 2023); e qual o limite entre humanos e máquinas no jogo *Detroit: Become Human* (Oliveira, 2023). Por fim, (c) problemas predominantemente metodológicos/heurísticos, que somam 3 casos, voltam-se à historicidade da própria IA e seus vínculos com a disciplina. Entre eles: o que a literatura especializada diz sobre a história da IA e sua aplicação no manuseio de fontes escritas e imagéticas (Sobreira, 2025); qual história da IA é contada por um especialista em Computação (Meneses, 2023); e qual a importância do uso da IA na pesquisa histórica e quais ferramentas podem ser empregadas nesse domínio (Fortes, 2020).

Considerando esse quadro, é possível compreender em que cenário se inscrevem as avaliações dos autores. A maioria daqueles que se debruçaram sobre o domínio da História expressou sentimentos positivos em relação à inteligência artificial. Essas ocorrências representam mais que o dobro dos registros de neutralidade e ambiguidade, e superam em quase três vezes os casos de negatividade. Tal perfil indica uma disposição predominante para reconhecer os potenciais da IA no campo autodesignado histórico por formação. Mas qual é, afinal, a posição dos autores quando se trata de objetos concretos de investigação e aplicação em História?

Os textos revelam ambiguidades significativas em relação à IA, oscilando entre crítica e reconhecimento de seu potencial. Encontramos, por exemplo, a declaração de que a atitude de adotar "um *software* que faça o trabalho parece algo absolutamente condizente com a pesquisa tal como ela sempre foi feita. Nisso, não há nenhum problema. Os problemas se colocam quando não sabemos ao certo o que o *software* faz" (Gil, 2024, p.15). Também encontramos a afirmação de que "[o ideal é discutir] caminhos possíveis para a disseminação crítica dos conhecimentos sobre inteligência artificial... e democratizar instrumentos que forneçam indicações de como são construídos" (Sanches, 2024, p.47), sugerindo uma postura simultaneamente cautelosa e propositiva, que valoriza o acesso crítico aos mecanismos da IA. Ainda encontramos certa tensão entre a desconfiança no ChatGPT e admiração por sua capacidade técnica, quando identificado, por exemplo, "um erro crasso da plataforma", com reconhecimento, na sequência (também por exemplo), de que "os elementos escolhidos pelo algoritmo foram levantados com precisão" (Bentivoglio, 2023, p.325-327).

Alguns autores (sobretudo os resenhistas) adotam uma postura neutra diante IA, concentrando suas críticas não nos efeitos da tecnologia, mas (compreensivelmente) na maneira como sua história tem sido investigada e narrada (Da Empole, 2023; ChatGPT, 2023; Santos, 2024).

Fora das resenhas, alguns autores demonstram uma avaliação nitidamente negativa da IA, especialmente ao examinarem seus vínculos com discursos hegemônicos e seus limites ético-epistemológicos. Eles alertam que "disciplinas como a IA lançam-se à esfera pública como produtoras de imagens de futuro poderosas o suficiente para que se tornem, na linguagem popular, um tipo de consciência histórica adequada ao neoliberalismo", denunciando a apropriação ideológica da IA como ferramenta de naturalização de determinados projetos de sociedade (Tedesco; Costa, 2023, p.185). Outro autor questiona os ganhos pedagógicos e afetivos da simulação tecnológica de memórias: "é discutível se esse novo formato gera uma reação emocional ou uma possibilidade didática [...] superior a outras formas de contato com testemunhos" (Costa Braga, 2023, p.219). Outros, ainda, criticam a "opacidade" dos modelos ao afirmarem que "os algoritmos de IA trazem imbricados em seus códigos os valores e as relações de poder daqueles que os programam", chamando atenção para a reprodução de assimetrias sociais nas lógicas da programação e na construção das bases de dados. Essas avaliações refletem uma preocupação com os usos acríticos da IA e seus efeitos na memória, na educação e na formação de subjetividades. (Moreschi; Jurno; Beiguelman, 2022, p.228)

Entre os profissionais que se posicionam positivamente, prevalece a ênfase nas possibilidades de transformação das práticas de pesquisa, ensino e mediação formativa com o público. Há destaques sobre o "grande potencial de transformações na natureza e alcance das pesquisas em História e na relação entre os profissionais da área e a sociedade" (Fortes, 2020, p.222) e a expectativa de que a tecnologia "pode ajudar a criar simulações interativas e recriações visuais que proporcionam uma compreensão mais profunda dos eventos" (Sanguiné; Karpowicz, 2024, p.121). Tecnologias baseadas em IA também são valorizadas por sua capacidade de automatizar tarefas técnicas e acelerar procedimentos (Sobreira, 2025, p.21), notadamente nos trabalhos de transcrição de manuscritos e a na criação de hipóteses para textos danificados. São também citadas as possibilidades analíticas de "WEMs diacrônicos" para medir variação semântica (Bonaldo, 2024, p.6), as vantagens de sua aplicação na produção editorial na "construção de resenhas de livros e artigos de revisão" (Oliveira *et al*., 2023, p. 2). Por fim, há testemunhos sobre os ganhos de precisão em modelos pequenos e qualitativamente construídos (Rota; Detoni, 2024, p.80) e associações do uso do ChatGPT à problematização crítica e à habilidade de comando sobre a narrativa histórica (Mello, 2024, p.191). Esses exemplos revelam uma visão otimista qualquer a IA é incorporada como aliada heurística e didática na renovação da pesquisa, escrita e ensino de História.

3. Balanço crítico da literatura que relaciona inteligência artificial e história

Independentemente dos sentimentos listados acima, o quadro do quinquênio focado na História também nos permite identificar algumas virtudes nos trabalhos analisados. Eles atualizam e problematizam os usos da IA, informando – em alguns casos – diacronicamente a entrada desses recursos no cotidiano da investigação e da comunicação, duas grandes etapas lógicas do trabalho sustentados como "de História" nos últimos dois séculos (Freitas, 2022).

Das tarefas da investigação, há, pelo menos, uma menção ao auxílio do ChatGPT na elaboração de problemas para revisões da literatura (Oliveira et al.,2023a). O foco, contudo, recai sobre as críticas de autoria, interpretação e restituição. Autores informam sobre os usos dos modelos para identificar autores (Sobreira, 2025), empregando, por exemplo, o *marker words* (Fortes, 2020). Para a crítica de restituição, as possibilidades de melhoria na extensão e no tempo de análise documental estão na digitalização de textos impressos (algo equivalente a uma nova

transcrição) (Rota; Detoni, 2024), na indexação e resumo de fontes para a dinâmica do trabalho arquivístico ou na identificação de assuntos frequentes e combinações frequentes de assuntos (tópicos) – *Topik modeling*, via técnica *Latent Dirichlet Allocation* (LDA) (Fortes, 2020). Também, segundo os autores, há avanços no reconhecimento, decodificação e transcrição de linhas de manuscritos, via *Optical Character Recognition* (OCR), no reconhecimento de trechos de textos (de jornais) por meio do *Handwriting Text Recognition* (HTR) (Gil, 2024), no melhoramento de imagem (Moreschi; Jurno; Beiguelman, 2022), na leitura de imagens, textos manuscritos e impressos, na coloração automática de fotos, tradução de línguas antigas, reconstrução de selos danificados, descrição de imagens e identificação de determinados temas imagéticos automaticamente (Sobreira, 2025). Para a crítica de interpretação, autores listam, novamente, técnicas de Reconhecimento Ótico de Caracteres (OCR), e de *Information Extraction* (EI), via imagens de palavras (Fortes, 2020), uso de ML para identificar frequência de palavras, frequência de relações entre palavras e representá-las em gráficos de barras e redes neurais, viabilizando planos de redação e respectivos relatórios de inferência (Rota; Detoni, 2024).

Os autores também alertam que a disciplina de IA reforça um significado pseudofuturista (na verdade, repetidor) e, portanto, incapaz de validar a autenticidade do passado representado (Tedesco; Costa, 2023). Por outro lado, em termos de integridade, autores informam a possibilidade de os algoritmos criarem fontes a partir, por exemplo, das clássicas fontes arquivísticas manuscritas (Gil, 2024).

A última tarefa da investigação citada diz respeito à crítica de interpretação. Autores afirmam que o ChatGPT auxilia na seleção, classificação e agrupamento de produção bibliográfica histórica, análise de dados estruturados em tabelas, comparação de informações, produção de analogias, exemplificação, adaptação de texto a regras editoriais, indicação de vícios e virtudes epistêmicas dos artigos e resenhas submetidos a periódicos acadêmicos (Oliveira et al., 2023a). Com o auxílio de *Word Embedding e Knowledge Model* e de Redes Neurais Artificiais (RNAs), eles podem identificar palavras, combinações de palavras, comparar relacionamento de palavras com significados semelhantes e analisar suas frequências ao longo do tempo, válidas para um gênero textual ou vários na condição de fonte, gerando hipóteses ou testando hipóteses e inferindo, novamente, mediante gráficos de linhas e de redes (Bonaldo, 2024). Enfim, com o auxílio do *Google Ngram Viewer* e *Galligram*, pesquisadores identificam e quantificam temporalmente palavras em textos impressos digitalizados (Gil, 2024).

Do mesmo modo que na crítica de restituição, a crítica de interpretação é beneficiada com os alertas meta-críticos. Autores observam que o significado produzido pelos algoritmos "contém uma racionalidade alienígena" que pode contribuir para a reprodução das desigualdades sociais (Bonaldo, 2023, p. 4).). Esse significado é viabilizado pela técnica de Processamento de Linguagem Natural (NLP) e pela opacidade das Redes Neurais Artificiais (ANN). Exemplo dopacidadede está no produto do Midjourney, e demonstração de protoconsciência está nas respostas do GPT, com sua tecnologia *Transformer*, que é também um grande modelo de linguagem (LLM) (Bonaldo, 2023). Por outro lado, as operações de tagueamento, categorização – a clássica indexação de assunto – e normatização de fontes – típicas de construção de modelos – podem revelar, para os pós-graduandos que as constroem, as relações de poder que subjazem à construção de *datasets* para exposições de História da Arte (Moreschi; Jurno; Bieguelman, 2022).

No que diz respeito à segunda etapa clássica do trabalho do profissional de História – a comunicação –, os autores fazem referências às possibilidades de melhoria em termos de escrita e de ensino. Para a escrita, o ChatGPT é referido como auxiliar na edição, revisão de textos, produção de resumos, elaboração de abstracts, criação de títulos, palavras-chave, imagens ilustrativas e planos de redação (Oliveira et al., 2023a). Ele também ajuda na criação de "uma *storytelling* sobre a ditadura civil-militar, protagonizada por "um historiador e um ex-guerrilheiro" para mediar a aprendizagem desse conteúdo substantivo (Mello, 2024, p. 191). No mesmo espírito, hologramas podem viabilizar o diálogo virtual entre um aluno e sobrevivente do Holocausto (Sanguiné; Karpowicz, 2024). A preparação de material para aulas também é mencionada. Ferramentas como Midjourney, Stable Diffusionn e DALL-E 2 possibilitam a criação de imagens sobre o passado (o golpe de 1964) (Sanches, 2024). Já o ChatGPT, citado anteriormente, é um gerador de itens de prova para o ensino de História, segundo diretrizes da BNCC – ChatGPT (Macedo, 2025), podendo, ainda, intermediar a aprendizagem de tópicos relativos à cientificidade da História, entre os alunos do nível superior (Bentivoglio, 2023).

Nesta crítica, os desafios apontados são as imprecisões das respostas do ChatGPT (Bentivoglio, 2023) e as limitações dos hologramas: eles aparecem como bons repetidores de respostas, mas "não são tão eficazes no trabalho de evitar morte/esquecimento" e de problematizar "as limitações da transmissão de uma memória traumática [...] e sobre os limites de representação" (Costa Braga, 2023, p.25).

Há, por fim, virtudes que se apresentam no horizonte de investigação e ensino de epistemologia histórica. Elas dizem respeito a uma disputa indiciária entre o otimismo dos pesquisadores quanto às possibilidades de efetivação de histórias estruturais ou totais – consequência da ampliação da extensão e da redução do tempo de análise e interpretação das fontes – e o ceticismo em relação à qualidade inumana e socialmente excludente da representação histórica produzida com o auxílio da IA generativa. Outro indício significativo de disputa no horizonte envolve, provavelmente, a "história digital", focada os usos da IA para o trabalho predominantemente heurístico, e a "história digital", focada nos usos da IA para as tarefas hermenêuticas, pensada, sobretudo, no aprofundamento dos conceitos de tempo, temporalidade, passado, presente e futuro (Bonaldo, 2023; 2024; Gil, 2024).

4. Desafios para a pesquisa

Estes aspectos virtuosos dos artigos não omitem, no conjunto, algumas insuficiências e desafios que devem ser enfrentados nos próximos trabalhos. A primeira insuficiência refere-se à frequência. Chama a atenção a baixa proporção de artigos sobre IA e História (menos de um terço da amostra inicial de 65 textos) em relação aos nexos explicitados, por exemplo, entre IA e Direito, IA e Saúde, IA e Ciência da Informação (2/3).

A segunda insuficiência é de ordem conceitual. Muitos trabalhos ainda não definem as categorias especializadas com as quais trabalham, principalmente a IA. Não deixam claras as diferenças entre aprendizagem supervisionada e aprendizagem profunda, nem os usos dessas modalidades na estrutura dos modelos citados. Os itens mais referidos foram conceitos amplos de IA (6 ocorrências), ChatGPT e outros modelos conversacionais (4 ocorrências) e Processamento de Linguagem Natural – PLN (4 ocorrências). Entre os menos referidos, aparecem ferramentas especializadas como Transkribus, Time Machine, Google Ngram Viewer e Gallicagram (todas com uma ocorrência), além de modelos visuais como Stable Diffusion e DALL-E 2.

O predomínio de categorias genéricas e modelos de uso geral indica um maior interesse na aplicação de IA em tarefas amplas, como análise textual e escrita assistida, com desdobramentos positivos no aumento de produtividade e na ampliação de fontes acessíveis. Considerando as centenas de ferramentas com tecnologia generativa disponíveis no mercado, a baixa presença

de ferramentas específicas para História – ou dos usos de ferramentas genéricas em História – sugere subexploração de recursos mais direcionados às várias dimensões do trabalho profissional em História, como reafirmaremos adiante. Não temos pesquisa a respeito, razão pela qual segue aqui apenas como hipótese: a maioria dos textos sobre usos e desusos da IA – sobretudo generativa – em História está publicada nas redes sociais e em blogs. É possível que revistas não designadas como "de História" também recebam maior contingente de artigos sobre a matéria.

Outra marca dos trabalhos que relacionam IA e História indica, adiante, uma redução de horizontes. Os artigos publicados são, predominantemente, especulativos e abstratos (teóricos). A experimentação (pesquisa aplicada) com IA é bastante reduzida. Entendemos que, para o momento, a atitude dos autores é de cautela, mas diríamos também de medo, com prejuízos para o conhecimento da relação buscada. Os usos da IA nos trabalhos do profissional de História já avançaram em escala nas redes sociais. Um comércio explícito de instrumentos para a construção integral de teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso já está em curso, com o auxílio dos LLMs. Isso é bem diferente daquele comércio clandestino de fabricação de teses, raramente flagrado nas instituições que fornecem graus. Então, os trabalhos empíricos de descrição, inventário e, principalmente, de avaliação de modelos são muito bem-vindos para, inclusive, defender, ampliar ou, ainda, restaurar a autoridade dos profissionais legitimados pelos títulos e adquiridos sob as formas convencionais e analógicas de formação em História. Mais importantes que esse combate à fraude de trabalhos é o fortalecimento da autoridade no interior das instituições formadoras. Os alunos já usam modelos de LLM de modo deliberado. Os professores, da mesma forma, já consomem recursos cujo funcionamento não explicita aos usuários o emprego de LLMs. Os professores da educação básica já produzem instrumentos de avaliação com IA há mais de um ano. Portanto, é o próprio repensar da formação que exige trabalhos frutos de experimentação com os modelos.

No que diz respeito à dimensão comunicativa do trabalho do profissional de História, chama a atenção o abandono das categorias "aprendizagem", "aprendizagem histórica" e "aprendizagem em História". A aplicação dos modelos neste âmbito privilegia o ponto de vista do professor, ainda que a aprendizagem de máquina tenha inspirado importantes conquistas no modo como os estudiosos concebem a aprendizagem humana nos últimos 60 anos. Reconhecemos, contudo, que essa lacuna apenas confirma a prática geral dos trabalhos sobre ensino de História antes da aparição das IAs generativas.

Essa carência da pesquisa empírica sistemática e controlada, aplicada à investigação e à comunicação, nos leva, imediatamente, a outra insuficiência: as proposições para a regulação ética do uso desses novos recursos. É certo que o emprego das IAs generativas ainda não está normatizado em nível de Ministério da Educação, instituições de ensino superior, programas de pós-graduação, departamentos de história, revistas de História e anais de eventos de História. Contudo, tal realidade não justifica que os autores experimentem sem o emprego qualquer esboço de código de ética. Nos trabalhos analisados, a discussão sobre ética ainda é bastante abstrata, e em apenas dois experimentos encontramos práticas orientadoras no sentido, por exemplo, de combater as caixas-pretas características dos grandes modelos comerciais.

Outra lacuna claramente está na pesquisa sobre a história do impacto das novas tecnologias no trabalho histórico em uma dimensão conjuntural. Em geral, operamos em soluços diante de cada ameaça potencial às mudanças no trabalho histórico: os computadores pessoais, os bancos de dados e a digitalização dos acervos arquivísticos e hemerográficos, nos anos 1990 e 2000; os documentários sobre história do Brasil financiados pelas novas direitas; o ensino de História a distância e a erosão da autoridade do historiador com o fenômeno das redes sociais, nos anos 2010 e 2020. A emergência da difusão da IA generativa, contudo, supera todos esses fenômenos porque é global, é capilarizada em escala (em preços, programas gratuitos), é popular e se move em rapidez inimaginável. É importante que debrucemo-nos sobre essa sequência de soluços de modo sistemático. Não temos, sequer, uma cronologia das mudanças tecnológicas que impactaram a formação e o trabalho dos profissionais história. Talvez este seja um primeiro passo para construir uma história necessária e urgente: a do impacto das IAs em todas as etapas do trabalho do profissional de História, considerando aqueles macro procedimentos que são requeridos ou anunciados como traços diferenciadores da nossa identidade dominante, quando sentimos que os nossos empregos estão ameaçados.

Por isso, pensamos que a última fragilidade desses trabalhos esteja na tipificação ou na indistinção entre os locais de aplicação das IAs. A maioria dos autores está focada (compreensivelmente) no seu próprio trabalho – o que é positivo, pois tal atitude aumenta o potencial de fazer afirmações mais densas em relação aos usos. Mas sabemos que o enxergar apenas árvores (sem ver a floresta) tem as suas desvantagens. Ao declinar de uma visão de síntese e em um nível de abstração pelo alto, o uso das expressões "ofício do historiador" ou "trabalho histórico" e "operação historiográfica" fica prejudicado, pois não há uma única atividade que concentre todas as competências do profissional de história. Dos 20 trabalhos

produzidos sobre o domínio da História, pouco mais de um terço manifestaram preocupação com a floresta, e destes sete trabalhos, somente quatro assumiram alguma orientação teórica acerca das referidas operações historiográficas, no caso, pautadas por P. Ricoeur – documental, explicativo-compreensiva e de representação – e M. de Certeau – lugar social para a legitimação de questão e objeto, por exemplo, prática de pesquisa, de seleção, coleta, classificação e crítica, e prática de escrita ou construção narrativa (ordenação de fatos, vocabulário, conceitos, explicação e interpretação). Um trabalho focou a etapa da investigação, ao modo de M. Bloch e E. Thompson, sob o princípio da transformação de evidência em fonte, e dois outros, sem manifestar definições e postulados, mencionaram operações de "pesquisa", "heurística", "hermenêutica" e de "escrita da história".

Conclusões

Na análise detalhada dos artigos que relacionam História e IA, publicados em revistas brasileiras de História nos últimos cinco anos, constatamos que a História atuou como campo de tensão: agregando tanto descrições iniciais e experimentações didáticas com ferramentas generativas quanto reflexões críticas sobre autoria, memória e poder algorítmico. Entre as 20 ocorrências pertencentes ao domínio, 47 % expressam sentimento positivo, enquanto negativos, ambíguos e neutros dividem igualmente a fatia restante, oscilando entre entusiasmo tecnológico e crítica metateórica.

Vimos também que a produção das revistas, focada na relação IA-História, apresenta algumas insuficiências que sugerem melhorias, como as indistinções de categoria – IA, IA Generativa, LLM –, o distanciamento do trabalho empírico – ausência de experimentação –, a raridade da discussão sobre ética e, principalmente, a falta de visão do todo, no que diz respeito ao trabalho do profissional de História, frequentemente recuperado como seguidor de regras criadas, no mínimo, há 150 anos.

Diante desse panorama, reforçamos a importância de uma agenda de pesquisa que investigue, de forma sistemática e abrangente, o impacto da IA generativa em todas as etapas do trabalho do profissional de História – da investigação à comunicação –, tomando como referência as operações historiográficas que, há mais de um século, sustentam a legitimidade científica e a relevância social da disciplina.

Tal agenda implica, antes de tudo, mapear de modo preciso o que os profissionais da História efetivamente fazem no seu cotidiano profissional, superando visões fragmentadas ou restritas a usos pontuais de ferramentas. Assim como no passado, quando debates sobre a identidade historiadora exigiram enfrentar de maneira crítica os fundamentos do ofício, o momento atual demanda um esforço coletivo para compreender como essas tecnologias reconfiguram práticas heurísticas, procedimentos interpretativos e formas de representação, a fim de garantir que a incorporação da IA no campo histórico ocorra de forma ética, reflexiva e socialmente responsável.

Referências

BENTIVOGLIO, J. Conversa sobre Teoria da História com o ChatGPT. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 316–335, 2023. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/75344. Acesso em: 3 jul. 2025.

BONALDO, R. B. As palavras e os tokens: Projeção vetorial aplicada ao estudo da semântica dos tempos históricos. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 7–50, 2024. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/79370. Acesso em: 2 jul. 2025.

BONALDO, Rodrigo. História mais do que humana: descrevendo o futuro como atualização repetidora da Inteligência Artificial. **História (São Paulo)**. São Paulo, v.42, p.1-28, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-4369e2023037. Acesso em 2 jul. 2025.

BONALDO, Rodrigo; PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Potential history: reading artificial intelligence from Indigenous knowledges. **History and Theory**, Hoboken, v. 62, n. 1, p. 3–29, mar. 2023. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hith.12290. Acesso em: 2 jul. 2025.

ChatGPT. ChatGPT conta sua história: como uma máquina aprendeu a escrever. Sdt: Open.Ia, 2023. 46p. Resenha de: SEVERIANO, Marco Manuel Silva. Escrita artificial. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.3, n.13, set./out., 2023. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/escrita-artificial-resenha-de-marcos-manoel-silva-severiano-urca-sobre-chatgpt-conta-sua-historia-como-uma-maquina-aprendeu-a-escrever-de-chatgpt-ia/. Acesso em: 23 jul. 2025.

CLAYTON, David; ALTINK, Henrice; WILSON, Esther. Piloting responsible and effective use of generative AI in undergraduate History teaching. **Royal Historical Society Blog**, [S. l.], 16 jul. 2025. Disponível em: https://blog.royalhistsoc.org/2025/07/16/piloting-responsible-and-effective-use-of-generative-ai-in-undergraduate-history-teaching/. Acesso em: 23 jul. 2025.

COSTA BRAGA, S. Reflections on the New Dimensions in Testimony Project: Past Present and Broad Present. **Revista de Teoria da História** , Goiânia, v. 25, n. 2, p. 208 – 221; 222 , 2023. Disponívelm em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/74066/39416. Acesso em 3 jul. 2025.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019. 121p. Resenha de: SEMEÃO, Jane. Algoritmos como ideologia. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.3, n.10, mar./abr., 2023. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/algoritmos-como-ideologia-resenha-de-jane-semeao-urca-sobre-o-livro-os-engenheiros-do-caos-de-giuliano-da-empoli-2/. Acesso em 5 jul. 2025.

FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. **Esboços: histórias em contextos globais**, [S. l.], v. 27, n. 45, p. 207–227, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e68270/43630. Acesso em 2 jul. 2025.

FREITAS, Itamar (Entrevistado); ARAÚJO, Valdei (Entrevistador). **O ChatGPT e os impactos na historiografia** | História em Pauta. [S. l.]: YouTube, 25 abr. 2023. Entrevista (vídeo). Disponível em: https://youtu.be/D4t8K1QQs7g?si=PmJwObp3Ds8txRyv. Acesso em: 23 jul. 2025.

FREITAS, Itamar. Lógicas e métodos – das filosofias às teorias da história. **Ponta de Lança***:* **Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 16, n. 31, p. 98-116, jul./dez. 2022. ISSN 1982-193X. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/18237/13649. Acesso em 4 jul. 2025.

FREITAS, Itamar; OLIVEIRA, Maria Margarida Dias de; SEMEÃO, Jane. Revistas Brasileiras de História: breve perfil em 2022. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.2, n.7,p.1-5,set./out, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/criticahistoriografica/article/view/23380/17224. Acesso em: 17 jul. 2025.

GIANSIRACUSA, Noah. **Ow algorithms create and prevent fake news**: exploring the impacts of social media, deepfakes, GPT-3 and more. Acton: Apress, 2021.

GIL, Tiago Luís. Sobre Big Data e neopositivismo digital na pesquisa em história. **Almanack**, Guarulhos, n. 37, 2024. Disponível em : https://www.scielo.br/j/alm/a/vbZwHsRnVdLBD7PWW9Qcjts/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 4 jul. 2025.

GRIGOLI, Leland Renato. *Ghosts in the Machine*. Townhouse Notes. **Perspectives on History**, American Historical Association, 7 fev. 2023. Disponível em: https://www.historians.org/perspectives-article/townhouse-notes-ghosts-in-the-machine-march-2023/. Acesso em: 23 jul. 2025.

JONES, Jonathan S. **Students Critique a ChatGPT Essay**: *A Classroom Experiment*. *Perspectives on History*, American Historical Association, 7 set. 2023. Disponível em: https://www.historians.org/perspectives-article/students-critique-a-chatgpt-essay-a-classroom-experiment-september-2023/. Acesso em: 23 jul. 2025.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content Analysis**: an introduction to its methodology. Los Angeles: Sage, 2013.

LEE, Kai-Fu; QIUFAN, Chen. Dois pardais: Processamento de linguagem natural, treinamento autossupervisionado, GPT-3, AGI e consciência, educação com IA. In: **Como a Inteligência Artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas**. Rio de Janeiro: Globo, 2022. p.82-134.

LEE, Kai-Fu; QIUFAN, Chen. *2041 – Como a inteligência artificial vai mudar sua vida nas próximas décadas.* Río de Janeiro: Globo Livros, 2022. Resenha de: ARAGÃO, Rômulo Gois de. *Visão contraditória.* **Crítica Historiográfica**, Natal, v. 3, n. 13, set./out. 2023. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/visao-contraditoria-resenha-de-romulo-gois-de-

aragao-sobre-o-livro-2041-como-a-inteligencia-artificial-vai-mudar-sua-vida-nas-proximas-decadas-de-kai-fu-lee-e-chen-qiufan/. Acesso em: 4 jul. 2025.

LIU, Bing. **Sentiment analysis**: mining opinions, sentiments, and emoticons. New York: Cambridge University Press, 2015.

LOPES, Andre Pereira Leme. Artificial history? Inquiring ChatGPT on historiography. **Rethinking History: The Journal of Theory and Practic***e*, v. 27, n. 4, p. 709-749, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/372271167_Artificial_history_Inquiring_ChatGPT_on_historiography. Acesso em: 2 jul. 2025.

MACEDO, C. L.; SOUZA, C. A. Proposição de atividades com o uso do Lumibot-Coppeliasim para a aprendizagem do conceito de função exponencial. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, [S. l.], v. 11, n. 31, p. 1–21, 2024. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/BOCEHM/article/view/11257. Acesso em: 5 jul. 2025.

MELLO, Janaina Cardoso de; CERQUEIRA, Rafael Santa Rosa. A IA como agente interativo no ensino de história da ditadura militar no Brasil: técnicas e possibilidades. **Revista Eletrônica História em Curso**, v.6, n.10, 2024. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/historiaemcurso/article/view/35037/23091. Acesso em: 3 jul. 2025.

MENESES, Sonia. Apontamentos sobre o uso de AI na produção e na comunicação de pesquisas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.43, n.94, set./dez., 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-93472023v43n94-02. Acesso em: 2 jul. 2025.

MENEZES, Sônia et. al. Proposta de diretrizes para uso de IAs em periódicos de história. Belo Horizonte: Fórum de editores de periódicos da área de história da ANPUH-BRASIL, jul., 2025.

MORESCHI, Bruno; JURNO, Amanda; BEIGUELMAN , Giselle. Continuum histórico e normatizações em acervos de arte e datasets : experimentos com inteligência artificial no museu paulista. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 202–267, 2022. Disponível em:

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8667715. Acesso em: 2 jul. 2025.

OLIVEIRA, Maria Margarida Dias; FREITAS, Itamar Freitas; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTO, Fábio Alves dos; SEMEÃO, Jane. Crítica Historiográfica na era da Inteligência Artificial. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.3, n.10, mar./abr., 2023. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/critica-historiografica-na-era-da-inteligencia-artificial/. Acesso em: 5 jul. 2025.

PETTCREW, Mark. **Systematic reviews in the social sciences**: a practical guide. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

ROTA, A. R.; DETONI, P. Itinerários de história digital: O caso Nietzsche através da heurística computacional (c. 1870-1940). **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 51–85, 2024. DOI: 10.5216/rth.v27i1.79223. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/79223. Acesso em: 3 jul. 2025.

SANCHES, Danielle. Inteligência artificial generativa e narrativas historiográficas: a importância das humanidades digitais para análise visual do golpe de 1964 no Brasil. **Boletim do Tempo Presente**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 30–53, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/22400/16755. Acesso em 2 jul. 2025.

SANGUINÉ, Luciana; KARPOWICZ, Débora. Educação visual sobre o Holocausto: sensibilização e ética na utilização de imagens históricas. **Revista Maracanan**, [S. l.], n. 37, p. 105–124, 2024. DOI: 10.12957/revmar.2024.84763. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/84763. Acesso em: 5 jul. 2025.

SANTOS, Michael R. *História da inteligência artificial*: século 23. sdt.: Amazon, 2022. v. 1. Ebook Kindle. Resenha de: MENEZES, Hermeson Alves de. Historicidades da IA. **Crítica Historiográfica**. Natal, v.4, n.16, mar./abr., 2024. Disponível em: https://www.criticahistoriografica.com.br/historicidades-da-ia-resenha-de-hermeson-alves-de-menezes-ufs-seed-sobre-o-livro-historia-da-inteligencia-artificial-seculo-23-de-michael-r-santos/. Acesso em: 2 jul. 2025.

SHIORIRA, Kelly; HOLMES, Wayne. Proceed with caution: The pitfalls and potential of AI and Education. In: ARAYA, Daniel; MARBER, Peter (Ed.). **Augmented Education in the**

global age: Artificial Intelligence and the future of learning and work. New York: Routledge, 2023. p.138-156.

SOBREIRA, Victor. Um panorama da história da inteligência artificial e suas aplicações na pesquisa histórica. **Varia Historia**, v. 41, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/vh/a/rBFnX4gCZ4N8fcRt6mjxbFQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 1 jul. 2025.

TEDESCO, A. D. F.; COSTA, V. H. dos R. Um profeta da velocidade: O caso de Ray Kurzweil e uma reflexão sobre a construção de uma filosofia profética da história. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 185–207, 2023. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/73794. Acesso em: 5 jul. 2025.

TROWBRIDGE, David (Host). **"Historians On"***: AI in teaching and research*. Participações de: Katharina Matro, Jeff McClurken, Kalani Craig, Jo Guldi, Johann Neem, Kevin Gannon e Lauren Tilton. AHA – American Historical Association, 18 dez. 2024. Podcast (51min21s). Disponível em: https://www.historians.org/publications-and-directories/perspectives-on-history/podcast/historians-on-ai-in-teaching-and-research. Acesso em: 23 jul. 2025.

Recebido em 2025-06-13
Revisado em 2025-08-14
Aprovado em 2025-08-23